

Corpo & alma

*Tão imperfeitas, nossas maneiras
de amar.*

[...]

*O absoluto amor,
revel à condição de carne e alma.*

Carlos Drummond de Andrade
“Aspiração”, *Corpo*

Além de excerto de “Arte de amar” (*Belo Belo*, 1948), de Manuel Bandeira, na epígrafe, Eder Rodrigues evoca o poeta pernambucano no poema que inicia este seu livro de estreia, *uma vida inteira para te esquecer*, “Alumbramento”, título homônimo do de *Carnaval* (1919), e usa metade do seu primeiro verso dele (“eu vi os céus”), mas sem o ponto de exclamação bandeiriano. Muito bom começo. Lidos a epígrafe e o poema inicial, é natural esperar que este livro traga poemas amorosos ou talvez eróticos, quem sabe à maneira de Catulo. O leitor logo perceberá que não, que não é o amor desabrido (há momentos de sensualidade, contudo) o que vai encontrar aqui. No entanto, a exemplo de Bandeira, Rodrigues também não cultua o lirismo tra-

dicional, condenado em “Poética” pelo autor de *Libertinagem* (1930):

*Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem-comportado*

Os versos de *uma vida inteira para te esquecer*, fartos em imagens visuais, evocações, são simples, diretos, curtos, incisivos. Expõem um tema bem contemporâneo, o desencontro/desencanto amoroso, sob a perspectiva da ausência, da falta que dói e deixa marcas. Também nesse tópico cabe a lembrança de Bandeira de “O anel de vidro” (*A cinza das horas*, 1917):

*Aquele pequenino anel que tu me deste,
– Ai de mim – era vidro e logo se quebrou
Assim também o eterno amor que prometeste,
– Eterno! era bem pouco e cedo se acabou.*

O presente remete ao passado, que a memória não deixa esquecer. Lembranças indeléveis, às vezes dolorosas, atravessam o livro de Eder Rodrigues. Alguns exemplos: “toda/ saudade/ tem um nome” (“Epitáfio”); “nesse exato momento/ estou re/ inventando a tua presença” (“Risco”); “só se volta para aquilo que se/ deseja” (“Círculo”); “anoitece/ e mais uma vez estou/ sozinho [...] e todo desejo/

assoalha uma ausência”; e especialmente o poema “Uma teoria da saudade”:

*entre o nada e o tudo
há um mundo de sonhos
não revelados*

esquecer é afirmar uma presença

*e só na ausência que certas
coisas afloram*

Ausência e saudade são palavras recorrentes nos poemas de Rodrigues que parecem ecoar estes versos de Drummond em “Ausência” (*Corpo*, 1987):

*Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
[...]
... essa ausência assimilada,
Ninguém a rouba mais de mim.*

Alice Queiroz, poeta contemporânea de Eder Rodrigues, trata assim da ausência em “onipresença” (*Eu falo*, 2022):

*eu o vejo
em mim
e por estar ausente*

*me faço
igual
e diferente*

*eu o vejo
eterno
eterna
mente*

A lembrança do amor ausente está presente nas estações do ano de *uma vida inteira para te esquecer*, cada uma de acordo com suas singularidades. No poema “Primavera”, o eu lírico deseja ser chuva para florescer o sorriso da amada. “Verão”: “nossa suor/ refrescava a tarde/ e recebia a noite”. No “Outono”, o olhar da mulher perde o brilho. “Inverno”: “gostava do frio/ de suas mãos// se aquecendo/ em minhas costas”. A dor da falta acompanha igualmente as etapas do dia. Poema “Tarde”:

*existe algo em você
talvez solidão*

*que intimida
e ao mesmo
tempo
afasta*

Em “Noite”, “o sim se converte/ em não”; em “Madrugada”, o corpo da mulher “estendido sobre a cama// marca o perigo desejado”. Em “Manhã”, um susto (“sou o tudo/ ou o nada”) com a intensidade da companheira. Alguns poemas, como “Bar”, “Objeto” e “Silêncio” podem parecer transmitir a falsa ideia do corpo da mulher visto como coisa, sem transcendência, sem alma. O poeta é um fingidor muito antes e depois de Pessoa. Em “Contrição”, o eu lírico de *uma vida inteira...* confessa guardar erros, pesares e sofrimentos, que o acompanham “em cada rua; em cada esquina”, e dirige-se a Deus (com inicial minúscula, como os versos do livro inteiro):

*perdoai meu deus
se deixei parte de mim
em tantos lugares*

No conjunto, os poemas de Eder Rodrigues imprimem um sentido narrativo, um percurso, traçam uma trajetória de vida de ausências, desencontro e desilusão, recheados de saudade e lampejos de esperança. Lemos em “Silêncio”:

“tudo é tão pouco/ e assim morremos diante da eternidade”.
Curto na extensão, mas denso na expressão, *uma vida inteira para te esquecer* é um livro do qual não se esquece.

Hugo Almeida